

“Toda beleza tem custo”

Minha língua roça o mundo cria um espaço de negociação “onde se pechincha/ o que sobra da vida”. O leitor está convocado a entrar nesse espaço e a negociar com seus próprios resíduos, suas memórias, seus sentimentos, sua experiência de perda. Está igualmente convocado a acompanhar um percurso dolorido de negociação do sujeito lírico com o tempo e com o sentido do existir, os quais exibem, no plano da poesia, seus avessos, suas vísceras e o custo da inquestionável beleza deste livro.

A poética que aqui se apresenta é densa, madura, delicada, lúcida, rigorosa, empática e sutil. A poeta permanece fiel a um padrão estrutural que domina plenamente, o qual propicia considerável voltagem expressiva aos versos. Compõem a obra textos curtos, que se valem de uma sintaxe e de um léxico familiar, de um ritmo e de uma imagética extremamente regulares, de variância absolutamente controlada pelo talento da autora. O resultado é que Vera Lúcia de Oliveira consegue extrair um máximo de possibilidades poéticas de um mínimo de recursos poéticos.

Tal matriz compositiva, entretanto, não tende ao minimalismo poético mais convencional, que se patentearia como mero herdeiro tardio das vanguardas históricas. Trata-se aqui de um código fragmentário que está a serviço da revelação do que está além da palavra, do que é a sua raiz, do que é sua origem. E merece nota especial o fato peculiar de que a poeta compõe uma aparência de simplicidade através de uma combinação complexa de elementos.

Os poemas de *Minha língua roça o mundo* recuperam alguns processos básicos da poesia de Vera Lúcia de Oliveira, observados também em livros anteriores, como *O músculo amargo do mundo* e *Ditelo a mia madre*. Mas aqui estes processos estão, por assim dizer, radicalizados. Um deles é a obstinação da poeta em usar o olhar lírico para unir o mínimo e a amplidão, para entranhar na fresta a vastidão. Veja-se, por exemplo, o poema "há tardes que não se despedem...". É o que poderíamos reconhecer como uma ânsia por desindividualizar o olhar e a voz, uma busca por destacar o imediato e elevá-lo ao plano do universal, onde é possível reconhecer, na experiência de dor do outro, a própria experiência de sofrimento e vice-versa.

Outro processo básico de sua poesia que aqui está ativado de modo especial reside na maneira muito hábil como a voz lírica articula as distâncias e as proximidades entre o eu que fala e o outro, quase sempre distante no tempo, no espaço ou na sociedade. Essa voz que fala é sobretudo "empática", no sentido de que ela é capaz de adentrar a perspectiva do outro, o que, às

vezes, faz com que o eu melhor se observe e, outras vezes, faz com que o outro ausente ganhe voz e reconhecimento.

A disposição à alteridade, gravada, por exemplo, na ambiguidade proposital do uso de alguns pronomes e verbos, faz não apenas um outro falar através do eu mas provoca a interrogação: "como (com que língua) o outro me falaria?". Essa é a força "empática" da lírica de Vera Lúcia de Oliveira, que tem a ver com o seu talento para armar as sutilezas do poema, a fim de dar a ver a capacidade de se identificar com outra pessoa, de sentir o que ela sente, de querer o que ela quer, de apreender do modo como ela apreende.

Há, pois, um incontestável destino de identificação no movimento poético da voz lírica, que busca pares em desamparo, busca irmãos no desespero e na delicadeza. É o que acontece quando vemos sua figura quase desdobrada em cão ("levo o cão para dentro") ou em andorinha ("voa dentro de si"), numa proximidade que se diria franciscana com os animais, que também cantam e que também sofrem a dor da existência.

Mas se pudermos amplificar essa noção de complexo direcionamento poético à alteridade, verificaremos que a voz lírica da poesia de Vera Lúcia de Oliveira está empenhada em dirigir-se à ausência. É a ausência o grande e espesso núcleo semântico de *Minha língua roça o mundo*. Para fazer com que o ausente seja figurado, a autora recorre a dois procedimentos imagéticos fundamentais, que têm o condão de sublinhar delicadamente o caráter residual do que passou, do que não é mais, do que é

perda, muito embora não tenha sucumbido completamente ao depercimento. Expressados em termos de parcelas ou resíduos, o corpo e a casa têm papel fundamental nesse esquadro poético de ruína, finitude, morte e ausência.

Já no título, a língua se erige como parte de um todo que envolve idioma, poética, sentimento, subjetividade, reflexão, revelando um processo metonímico fundamental para ponderarmos o peso estético do corpo no livro de Vera Lúcia de Oliveira. São ossos, cartilagens, rostos, olhos, pés. São, especialmente, algo que jamais se vê por inteiro, mas que representa de modo dilacerado a força presente do corpo ausente ou distante. A imagem do corpo, ao longo do livro, transborda de si mesma e estende-se ao mundo, metamorfoseando-se em casa, a qual, por sua vez, também aparecerá ao leitor em fragmentos: telhados, vigas, paredes, brechas. E dentro da casa, fora do corpo (mas quase corpo), será a vez das coisas presentificarem a ausência. As coisas como restos de nós, de nossa experiência na vida, de nosso trabalho, que é afinal fazer-se gente ao viver. Note-se a poesia deste instante: "a mãe é um sol ossudo que/ perde os pés na sacada de casa/ um telefone rasga o rosto/ do relógio e retira um dos/ ponteiros".

Aí está, a meu ver, indicado o custo da beleza. Num dos poemas mais belos do livro, a autora enuncia algo central para a compreensão de *Minha língua roça o mundo*: "e aprendi ali/ que toda beleza/ tem custo". Ora, podemos interpretar esse custo, tendo em vista que o livro é um manso e delicado lamento pela

falta, como algo vinculado de modo muito profundo a uma outra ausência linguística: a da palavra "saudade". Palavra unicamente encontrada em português, sente-se forte sua ausência num livro que trata de perdas. Entre tantas outras coisas, o livro, também nas ausências, dirá ao leitor: *a saudade é o custo da beleza*. E o custo, a rigor, é sempre o inominável, o impossível de se dizer. Mas podemos, então, acrescentar: além de um custo, a beleza e a poesia têm um valor. Extraído do desamparo, da nostalgia, esse valor ajuda a vida a continuar, agora elevada à plenitude da forma-poema, onde vale pechinchar "o que sobra da vida". Nesse sentido, a poesia também é uma resposta, um desrespeito sadio e humano, uma resistência a todas as formas de morte e de finitude.

Alexandre Pilati

Poeta e professor da Universidade de Brasília - Brasil

MINHA
LÍNGUA
ROÇA O
MUNDO